
DESCOBRIR O MUSEU, (RE)DESCOBRIR A CIDADE

DISCOVERING THE MUSEUM, (RE)DISCOVERING THE CITY

DESCUBRIR EL MUSEO, (RE)DESCUBRIR LA CIUDAD

Angélica Brito Silva¹, Eron Matheus Bitencourt²

RESUMO

O presente artigo discutirá o museu enquanto espaço privilegiado de educação, fomento e acesso à cultura a partir da trajetória do projeto “*Descobrimo Embu no Museu*”. Trata-se de um projeto de educação museal desenvolvido pelo *Museu de Arte Sacra dos Jesuítas* (Embu-SP) desde 2007, cuja finalidade é aproximar a comunidade local do patrimônio cultural existente na cidade por meio da valorização da cultura local, do reconhecimento dessa identidade e do fortalecimento do sentimento de pertencimento à história do Embu. Ganador do prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal, promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), sua ação educativa consiste na formação de professores da rede básica de ensino e na visita de seus alunos ao museu. Em 2017, o projeto completou 10 anos de existência e o objetivo deste texto é realizar um balanço de suas ações, discorrendo sobre seu desenvolvimento, aplicação, resultados, avanços e desafios que surgiram ao longo de uma década de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial; Democratização da cultura; Ação cultural; Formação de professores.

ABSTRACT

The present article will discuss the museum as a privileged space for education, promotion and access to culture through the “*Descobrimo Embu no Museu*” project’s trajectory. “*Descobrimo Embu no Museu*” is a museum education project developed since 2007 by the *Museu de Arte Sacra dos Jesuítas*, located in the municipality of *Embu das Artes*, which goal is to bring the local community closer to the city’s cultural heritage through rescuing the local culture, acknowledging these identities and making the feeling of belonging to this history stronger. Winner of the Darcy Ribeiro Prize of Museum Education, promoted by the Brazilian Institute of Museums (Ibram), its educative action consists on the lecturing of elementary schools’ teachers and their students’ visit to the museum. In this year of 2017, the project completes 10 years since its creation and, through its history, this text aims to summarize its actions, disserting on its development, application, results, advances and challenges that emerged throughout a whole decade of existence.

KEYWORDS: Museum educational programmes; Democratization of culture; Cultural action; Teacher education.

¹ Mestranda - História Social - Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo, SP - Brasil. Coordenadora do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Embu das Artes, SP - Brasil. **E-mail:** coordenacaomasj@pateocollegio.com.br

² Graduação - História - Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo, SP - Brasil. Educador - Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social (ANEAS) - Campinas, SP. Brasil. **E-mail:** masj@pateocollegio.com.br

Submetido em: 13/02/2018 - **Aceito em:** 12/05/2018

RESUMEN

El presente artículo discutirá el museo como un espacio privilegiado de educación, fomento y acceso a la cultura a partir de la trayectoria del proyecto “*Descobrimdo Embu no Museu*”. Esto es un proyecto de educación museal desarrollado desde 2007 por el *Museu de Arte Sacra dos Jesuítas*, situado en la ciudad de *Embu das Artes*, cuya finalidad es aproximar a la comunidad local del patrimonio cultural existente en la ciudad por medio de la valorización de la cultura local, del reconocimiento de esa identidad y del fortalecimiento del sentimiento de pertenencia a esa historia. Ganador del premio Darcy Ribeiro de Educación Museal, promovido por el Instituto Brasileño de Museos (Ibram), su acción educativa consiste en la formación de profesores de la red básica de enseñanza y en la visita de sus alumnos al museo. En este año de 2017, el proyecto completará 10 años de existencia y, a partir de su historia, el objetivo de este texto es realizar un balance de sus acciones, discutiendo sobre su desarrollo, aplicación, resultados, avances y desafíos que surgieron a lo largo de una década de existencia.

PALAVRAS-CLAVE: Programas educativos de museos; Democratización de la cultura; Acción cultural; Formación de docentes.

1 INTRODUÇÃO

“*Descobrimdo Embu no Museu*” é um projeto de educação patrimonial e museal desenvolvido pelo setor educativo do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas (MASJ), que integra o complexo histórico-cultural-religioso *Pateo do Collegio*, uma obra da Companhia de Jesus. Instalado na antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário - monumento histórico e artístico do início do século XVIII, tombado em 1938 pelo então recém-criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), trata-se de um importante elemento na constituição da memória e identidade da cidade de Embu das Artes. Completando sua primeira década de existência em 2017, o Projeto “*Descobrimdo Embu no Museu*”, cuja trajetória apresentaremos neste artigo, excede a posição de uma simples ação cultural. De fato, foi responsável pela consolidação de um setor educativo e confunde-se com a história do próprio museu em que foi desenvolvido.

Desde a reabertura do edifício, em 2004, a direção do MASJ observava que o público frequentador da instituição era composto quase em sua totalidade por visitantes de outras cidades, estados e países. Não demorou para constatarmos que a população do município, de forma geral, não frequentava o museu e, conseqüentemente, não se utilizava do espaço como um local de cultura, socialização e lazer. Uma hipótese para esse distanciamento seria o hiato pelo qual passou a edificação, que permaneceu fechada por alguns períodos ao longo dos anos 90. No entanto, essa explicação não bastava: rapidamente observou-se que outras questões, mais profundas e complexas, estavam implicadas nesse diagnóstico.

A cidade de Embu das Artes, localizada na parte oeste da região metropolitana de São Paulo, à semelhança de outros municípios, também sofreu com o crescimento desordenado e intensos fluxos migratórios, configurando regiões densamente povoadas, carentes em diversos aspectos, sobretudo nos bairros mais afastados do centro. Caracterizada por muitos enquanto uma cidade dormitório, Embu ainda sofre com a divisão física e simbólica provocada pela Rodovia Federal Régis Bittencourt, que corta o município ao meio.

De acordo com o padre jesuíta Carlos Alberto Contieri, diretor do museu e idealizador do projeto, era perceptível na fala dos munícipes, em especial dos mais jovens, um sentimento de baixa autoestima em relação à cidade. Também notava-se que, para os moradores, havia uma diferenciação entre a Embu central da periférica, região esta, inclusive, onde habita a maior parte da população. Desse modo, ficava evidente o sentimento de não pertencimento à cidade, sobretudo naqueles que habitam as regiões mais periféricas e carentes. Assim, Embu das Artes, conhecida internacionalmente por sua tradicional Feira de Artes e Artesanato (1969), escondia diversos contrastes, dentre eles o desconhecimento e a falta de acesso à história e patrimônio locais por grande parte de seus habitantes.

Pensar estratégias para fomentar o acesso a bens culturais, incluindo os museus, não se trata de tarefa fácil. Isaura Botelho (2001), ao abordar o desenvolvimento de políticas públicas para o setor cultural, destacou que ações voltadas para a democratização do acesso à cultura somente produzem resultados efetivos se consideradas a longo prazo e de forma integrada a outros programas, dentre eles o escolar

Apesar da transmissão familiar ser entendida enquanto fator de grande influência para a aquisição e transmissão de capital cultural, a escola, embora não seja o único determinante, trata-se da ferramenta mais acessível em sua construção (MACHADO et al. 2016, p. 319). Dessa maneira, não é incomum encontrarmos relatos de pessoas que só frequentaram museus, teatros, zoológicos e outros equipamentos culturais durante o período escolar, graças ao engajamento de professores e escolas, conscientes da importância de proporcionar aos seus estudantes o acesso a esses equipamentos. Assim, a partir do contexto observado em relação ao entorno do museu e da constatação de que o ambiente escolar tratava-se de um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma ação de sensibilização a respeito do patrimônio embuense, surge o Projeto “Descobrimo Embu no Museu”, uma ação de educação patrimonial.

2 O MUSEU ENQUANTO ESPAÇO EDUCATIVO

Ao longo do século XX, as instituições museológicas se consolidaram como importantes espaços educativos. Embora a relação entre museus e instituições de ensino formal, de certa forma, existisse desde a criação dos primeiros museus modernos - como o Ashmolean Museum, vinculado à Universidade de Oxford - é somente ao longo do século XX que a ação educativa entra efetivamente na agenda dos museus.

Como pontua HEIN (2006, p. 342), no século XIX, não havia, formalmente, um setor educativo nos museus: os esforços para se explorar a capacidade educativa eram desempenhados pelos curadores ou diretores, mas de maneira insatisfatória. O estabelecimento de um setor educativo, bem como o reconhecimento da educação como uma função especializada dos museus, portanto, é um fenômeno do século XX.

Importante, nesse sentido, foi o movimento conhecido como Nova Museologia, a partir da década de 1960, que buscava a democratização dos museus, ampliando seu escopo comunicativo a diversos grupos sociais. Com a crescente preocupação com o desenvolvimento de projetos pedagógicos efetivos, tendo em vista o atendimento dessas novas demandas, o público escolar passa, cada vez mais, a fazer uso dos museus enquanto espaços que possibilitam, de certa forma, um complemento ao trabalho realizado em sala de aula.

No Brasil, embora a reflexão sobre o museu na qualidade de espaço educativo já fosse pontuada antes, somente nos anos 1950 essa discussão ganha consistência, deixando de ser tratada em termos genéricos (KNAUSS, 2011). Um marco para esse debate foi o ano de 1958, em que se realizou o seminário do ICOM no Rio de Janeiro, cuja temática fora *a função educadora dos museus*, acentuando o debate e levando a novas publicações sobre o tema.

De acordo com MARTINS (2006, p. 113), os anos 1980, por sua vez, marcam a consolidação do papel educativo dos museus, com a incorporação do conceito de *heritage education - educação patrimonial* - metodologia de origem inglesa que encontra grande adesão no Brasil. Em linhas gerais, poderíamos definir sua metodologia da seguinte maneira, baseado em Barreto (2006):

“O objetivo e a estratégia fundamentais do trabalho da educação patrimonial são o levar as pessoas a perceber, compreender e se identificar com o drama histórico, social e cultural encapsulado em cada objeto, em cada artefato, em cada expressão cultural que preservamos em nossos museus ou fora deles, como referências para o presente e para o futuro. (...) é um exercício mental e emocional que pode fazer descobrir o quanto fazemos parte dessa história.” (BARRETO, 2006, p?).

Na prática, a educação patrimonial passa pelos processos de observação, questionamento - em relação aos aspectos formais, materiais e funcionais - registro e apropriação (HORTA, 1999), onde, por meio da análise, o próprio objeto, monumento ou obra são fontes de informação. Trabalhando por meio de códigos, a educação patrimonial confunde-se com um processo de alfabetização cultural, onde o educador assume a figura de um mediador, que auxilia no encontro entre o visitante e a obra.

Uma vez que é essencial na educação patrimonial a análise do objeto a partir de questionamentos e interpretações levantadas e discutidas pelos visitantes, um dos pontos-chaves para se trabalhar esta metodologia é a interatividade. Sobretudo em relação às visitas escolares, é importante permitir que os alunos exponham suas opiniões, estimulando assim sua participação ativa, tornando a visita mais inclusiva, compreensível e marcante. Desse modo, é recomendável que se restrinja os longos momentos expositivos, evitando a sobrecarga de informações, para além de conciliar os momentos expositivos com atividades descontraídas, de caráter mais lúdico, incluindo jogos ou brincadeiras educativas, por exemplo. Sobre a interação entre o público e os acervos expostos nos museus, Hooper-Greenhill (1999, p. 19, trad. nossa), defende que

“O público está sempre ‘ativo’, quer os museus reconheçam isso ou não. Quando visitantes potencialmente ‘ativos’ encontram-se incapazes de usar suas habilidades e conhecimentos e de tornarem-se envolvidos dentro de um museu, quando são forçados a uma postura ‘passiva’, é provável que surja um desconforto mental, um sentimento de inadequação, ou a sensação de deslocamento. O museu torna-se um lugar a ser evitado.”

Se o museu não se comunica com seu público, ele se torna um local frio e distante do cotidiano das pessoas. A proposta da educação patrimonial, assim, consiste na superação dessas barreiras para a construção de laços afetivos em relação ao patrimônio. Somente com a apropriação do patrimônio cultural é que ocorre, de fato, sua valorização e reconhecimento. Desse modo, como revela Lawand (2004, p. 66),

[...] a metodologia da educação patrimonial pressupõe uma mudança de atitude com relação ao patrimônio cultural, apelando mais para o sensível e o emocional. Esse processo passa pela percepção ou tomada de consciência de um valor, até a identificação com valores que caracterizam o indivíduo.”

Nesse sentido, a identificação dos alunos com a temática e a abordagem do museu é uma característica importante para uma visita de qualidade. É o que aponta Hooper-Greenhill (1999), que trabalha com o conceito de comunidades interpretativas: para a autora, cada visitante constrói significados e interpretações a partir de suas próprias experiências, e sobretudo seu contexto social, cultural e histórico. Conhecer e respeitar essas condições é essencial para a criação de vínculos entre o visitante e a obra, associando-a a seus conhecimentos prévios. De acordo com a pesquisadora britânica (HOOPER-GREENHILL, 1999, p. 14, trad. nossa), “sem estratégias de inteligibilidade apropriadas, os acervos parecem (e são de fato) sem sentido.”

Com a consolidação do entendimento do papel social e educativo dos museus, há uma busca pelo desenvolvimento de ações educativas, cada vez mais comprometidas com sua eficiência pedagógica. Assim, as escolas, devido a sua grande capilaridade na sociedade, passam a ser enxergadas pelos museus enquanto importantes parceiros na difusão de seus acervos, exercendo assim, com mais eficiência, as suas funções sociais (COSTA et al., 2003). Neste sentido, destacamos o trabalho desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (VASCONCELOS, 2005), que conta com ações já bastante consolidadas em relação ao público escolar, a partir do oferecimento de diversificadas oficinas voltadas para a formação do professor e no desenvolvimento de materiais pedagógicos, como kits educativos, a serem utilizados no ambiente escolar. Dessa maneira, para que a parceria entre museu e escola dê bons frutos, reforçamos que é fundamental o estabelecimento de estratégias que permitam o encontro entre as práticas pedagógicas da escola e do museu, ou seja, do ensino formal e não formal, respectivamente. Sobre essa relação, Grinspum (2004, p. 167) afirma que

[...] levar estudantes a museus pode enriquecer muito o trabalho dos professores. Entretanto, para que uma visita monitorada seja bem-sucedida, não basta que os educadores de museus realizem uma visita de qualidade. É necessário que a responsabilidade por esse trabalho seja compartilhada pelo professor e para isso é necessário que ele saiba quais são os recursos disponíveis no museu para fazer o melhor uso possível dessa relação.”

Desse modo, como já indicamos, o desenvolvimento de projetos educativos por meio de parcerias entre museus e escolas, trata-se de um recurso já consolidado e bastante difundido em diversas instituições museológicas e que deve ser explorado. Neste sentido, outro significativo exemplo trata-se do programa *Visita Escolar Programada*, desenvolvido pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. Segundo COSTA et alli (2003), no MAST, as visitas ocorrem por meio das *Trilhas educativas: entre o MAST e as escolas*, que, de maneira semelhante ao projeto “Descobrimdo Embu no Museu”, pressupõe um antes, durante e depois da visita. Como particularidade, os educadores do MAST oferecem opções específicas de projetos pedagógicos, por meio das diferentes *trilhas*, que devem ser escolhidas pelo professor. Para a *Visita Escolar Programada*, também é obrigatória a participação num encontro de formação, o *Encontro Assessoria ao Professor - EAP*, onde os professores têm acesso às propostas metodológicas do museu.

Portanto, para uma visita de sucesso, é necessário um trabalho em conjunto entre os educadores do museu e os docentes. É essencial que o professor prepare os estudantes para a visita, o que vai além de simplesmente explicar a etiqueta ou as regras de comportamento. Como aponta Martins (2006, p. 41), conhecer previamente a exposição é um dos principais fatores que levam ao sucesso de uma visita escolar. Já um dos maiores obstáculos a essa etapa é a mitificação do espaço museal, visto como representante de uma lógica distanciada do discurso escolar. Por isso, defende a autora, o ideal é que os agentes responsáveis pela visita - educadores e professores - se encontrem antes da data, conhecendo seus respectivos projetos pedagógicos.

Segundo o modelo proposto por Allard e Boucher (apud MARTINS, 2004, p. 43), a visita ao museu deve passar por três etapas: a preparação dos alunos, a visita propriamente dita e os desdobramentos em sala de aula. Dessa maneira, o Projeto “Descobrimdo Embu no Museu” foi pensado, em sua origem, para atender a essas prerrogativas, funcionando em etapas: divulgação, formação (Encontro Pedagógico de Formação), projeto (em sala de aula) e visita dos alunos. Com o amadurecimento da ação, incluímos ao longo do percurso uma quinta etapa: o encontro de encerramento para avaliação conjunta com os professores acerca de todo o processo.

3 PROJETO “DESCOBRINDO EMBU NO MUSEU”: O ENCONTRO PEDAGÓGICO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES (EPF)

A princípio, o curso para a formação dos professores foi planejado com uma duração de três horas, divididas em dois momentos - um para discutir a educação nos museus, e outro para visitar o acervo. Nesse encontro, os participantes recebiam as chamadas ‘Fichas para professores’, um pequeno material de suporte, contendo, de forma sucinta, informações sobre o acervo e funcionamento do museu. O objetivo era que os professores tivessem à sua disposição um conjunto de informações básicas para o desenvolvimento do projeto, relembando as discussões realizadas durante o curso.

Em 2012, o EPF passou por importantes reformulações. A partir de uma demanda dos participantes, e por constatarmos que a duração do curso era insuficiente, tendo em vista o número de questões que poderiam ser aprofundadas, decidimos por aumentar a carga horária da formação, que passou a ser oferecida ao longo de três dias, cada um com uma duração de 4 horas. Assim, além de podermos desenvolver os temas da formação em maior profundidade, conseguimos incluir novos assuntos e atender aos pedidos dos professores, que passariam a receber um certificado de maior carga horária, isto é, 12 horas.

Neste sentido, é importante destacar que o projeto sempre esteve atento às sugestões e propostas apresentadas pelos professores. A partir de 2013, por exemplo, incluímos na formação um dia de curso que seria realizado no Museu Anchieta - *Pateo do Collegio*, devido a pedidos dos docentes. Outra importante demanda apresentada pelos professores era a de um material textual e visual de qualidade sobre o museu e seu acervo. As pequenas 'Fichas para professores', usadas até então, eram bastante simples, e muitos profissionais não tinham acesso a referências bibliográficas sobre Embu das Artes. Destaque-se também o fato de que não existem muitos estudos disponíveis a respeito da história do município, e menos ainda sobre a formação do acervo preservado no MASJ.

Por esse motivo, o setor educativo dedicou-se a novas pesquisas em relação ao acervo, visando melhorar o que já era realizado e criar novos conteúdos, sobretudo em relação à análise artística das coleções existentes no museu. A partir desses estudos, desenvolvemos o livro 'Descobrimos Embu no Museu: Guia Temático do Professor', publicação realizada com os recursos advindos do Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal (2012), e distribuído aos participantes do EPF e às escolas da rede pública da região. Nesse novo material, publicado no início de 2014, acrescentamos novos temas, ainda inéditos na formação, como a análise do acervo de mobiliário, música e dados sobre a formação histórica de São Paulo e do *Pateo do Collegio*.

É importante que o leitor note essa trajetória. Evidentemente, para que publicássemos um livro como o 'Guia Temático do Professor', foi necessário que os educadores do MASJ realizassem uma extensa pesquisa sobre os temas. Essa parte de nosso trabalho permitiu não só que os educadores transmitissem maior confiança em suas falas, mas também que novas informações sobre o edifício e o acervo integrassem as visitas, permitindo a abertura de um novo leque de ações educativas.

Embora ao longo de sua trajetória o curso de formação tenha aumentado sua carga horária, e eventualmente tenham ocorrido algumas adaptações em relação à quantidade de dias oferecidos a cada edição, ainda permanece, grosso modo, a mesma estrutura conceitual observada no início do Projeto. Para que o leitor compreenda melhor essa formação, vamos apresentá-la, rapidamente, adiante.

Iniciamos o encontro apresentando a instituição e o próprio projeto, lembrando suas etapas, objetivos e regras. Em seguida, realizamos uma dinâmica, em que pedimos para que

cada um se apresente, dizendo o significado e a origem de seu nome. O objetivo é estimular o entrosamento entre os participantes, fazendo com que todos se conheçam. Ainda mais importante, essa dinâmica permite iniciarmos a discussão sobre patrimônio cultural, identificando os próprios nomes como um patrimônio que recebemos, sendo transmitidos intergeracionalmente e detentores-símbolos de uma determinada cultura. Também nesta discussão, utilizamos como exemplo o próprio nome do município de Embu das Artes.

Após apresentarmos diferentes tipos de classificação do patrimônio - material, imaterial e natural - pedimos aos participantes que elenquem os possíveis patrimônios da cidade, tendo em mente esses múltiplos eixos. O objetivo, para além de uma reflexão sobre os equipamentos e práticas culturais existentes no município, é uma ampliação da própria ideia de patrimônio, geralmente associado a edificações monumentais.

Ao introduzirmos o conceito de museu, outras duas dinâmicas são realizadas. A primeira delas consiste na divisão dos participantes em grupos. Para cada um deles, distribuímos um conjunto de imagens de natureza diversa, como objetos antigos, obras de arte, eletrônicos, roupas, etc. Em seguida, orientamos para que discutam quais objetos daquele conjunto seriam integrados à exposição de um museu, a partir de três categorias: museu de arte, histórico e científico. Os resultados dessa discussão costumam ser interessantes: os participantes compreendem a subjetividade envolvida nessa seleção, notando que as escolhas não dependem exatamente da tipologia do objeto ou do museu, mas do discurso que se pretende construir.

Já na segunda dinâmica, pedimos aos professores que toquem em um objeto sem vê-lo. A partir somente da experiência tátil, devem decifrar de que objeto se trata, refletindo sobre quais questionamentos poderíamos fazer para nos auxiliar nessa descoberta. Após ouvirmos os palpites, revelamos a peça misteriosa. O objetivo, enfim, dessa dinâmica, é discutir a importância do conhecimento prévio para a interpretação de uma determinada obra. Analogamente, quando os alunos visitam o museu sem uma reflexão anterior em sala de aula, há, de certa forma, uma barreira para que compreendam plenamente o acervo. Partindo dessa experiência, portanto, discutimos a importância do trabalho desenvolvido pelos professores na escola para uma visita de qualidade.

Nos encontros seguintes, partimos de fato para uma visita ao acervo do museu, em que discutimos os conceitos de arte sacra, arte religiosa e o estilo barroco, aprofundando em eixos mais específicos, como mobiliário, imaginária e música. Ao passo em que realizamos a contextualização artística, também introduzimos a história do local, a formação do aldeamento de Mboy, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a constituição do acervo e sua patrimonialização no século XX. Dedicamos também parte da formação para uma oficina de projetos, quando auxiliamos os participantes a refletirem sobre como poderiam visitar a temática do museu em sala de aula. Nesta ocasião, distribuímos um modelo do projeto educativo que os professores devem enviar-nos no ato do agendamento da visita.

4 DESCOBRINDO O PATRIMÔNIO: A VISITA DOS ALUNOS AO MUSEU

A visita ao museu, como já buscamos explicitar aqui, inicia-se na sala de aula. Dessa maneira, a temática de nosso acervo deve, necessariamente, ser abordada na escola antes da visita. Neste sentido, ao realizarem o agendamento, pedimos aos professores que enviem à nossa equipe um projeto pedagógico. Com esse documento em mãos, os educadores do museu podem ter acesso ao conteúdo trabalhado pelo docente com a turma e, dessa maneira, planejar as mediações para melhor adequá-las aos temas abordados pelo professor.

Como vimos, a identificação dos visitantes com o acervo em exposição é fundamental para uma visita inclusiva e satisfatória. Evidentemente, a abordagem adotada varia conforme a idade dos estudantes e o projeto enviado pelo professor. No entanto, nossa primeira preocupação ao receber os alunos é tentar aproximar ao máximo o nosso acervo de seus universos, algo nem sempre fácil devido a tipologia de nosso museu - arte sacra -, tendo em vista, entre outros fatores, a grande variedade religiosa brasileira. Assim, sempre atentos ao respeito à diversidade, pedimos aos alunos que observem o acervo não como objetos estritamente religiosos, mas como peças que auxiliam na compreensão do processo histórico de sua constituição.

Feito isso, passamos a uma contextualização do edifício - e, por meio dela, da própria história do município. Para as crianças menores - isto é, de Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental - utilizamos o recurso da contação de histórias: através de um tapete e de bonecos de pano, apresentamos a lenda de fundação do aldeamento de Mboy. Trata-se de um importante auxílio para um atendimento efetivo às crianças pequenas, recurso também utilizado em outras instituições, como apontam CARVALHO e LOPES (2016, p. 926), de que temos o exemplo do Museu Internacional de Arte Naïf (MIAN).

Em nossas visitas, damos especial atenção à interatividade e à participação ativa dos estudantes - como vimos, um dos pontos-chave a se trabalhar com educação patrimonial. Assim, buscamos reduzir as partes expositivas, frequentemente realizando perguntas à turma ou pedindo a interpretação dos alunos sobre determinada peça do acervo. Tal ação pode ser exemplificada em dois objetos: a imagem do Senhor dos Passos e o púlpito. No primeiro exemplo, a partir da observação da imagem, por meio de características levantadas pelos estudantes, podemos extrair informações sobre as práticas em que aquele objeto estava inserido: os braços articulados, por exemplo, indicam seu uso no teatro desenvolvido pelos sacerdotes para a catequese; a profusão de sangue, a preocupação do artista em sensibilizar os fiéis.

Outro exemplo interessante é o púlpito da igreja. Ali, podemos interpretar conjuntamente o símbolo da Companhia de Jesus, a partir de cada um de seus elementos - sol, cruz, IHS, coração, cravos. Devido à importância histórica daquela ordem religiosa para a constituição de Embu das Artes, o mesmo símbolo aparece, parcialmente, no brasão da cidade, ostentado pelos alunos das escolas municipais em seus uniformes - embora, via de

regra, não saibam seu significado. Dessa maneira, podemos relacionar a análise daquele objeto ao brasão e, conseqüentemente, à história local narrada por meio de símbolos. Assim, na visita ao museu, os estudantes têm a oportunidade de aprender - por meio de interpretações sugeridas por eles mesmos - o significado dos símbolos relacionando-os ao patrimônio cultural do município, neste caso, representado pela antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em outras palavras, acreditamos que a associação de um símbolo presente no museu a um elemento integrante do cotidiano dos estudantes é responsável pelo estabelecimento de importantes vínculos afetivos. É o que nos permite supor a reação dos alunos, que geralmente demonstram surpresa e encantamento ao perceberem e compreenderem o símbolo em seus uniformes.

Desde 2014, a partir dos recursos provenientes do Prêmio Darcy Ribeiro, nossas visitas passaram a incorporar outro importante recurso: réplicas de imagens de roca e de vestir. Esses instrumentos possibilitaram uma maior interatividade nas visitas, com um momento dedicado à experiência tátil. A partir dessas réplicas, os alunos podem observar, na prática, a diferença de peso entre as imagens de vestir - inteiramente esculpidas - e as de roca - vazadas e mais leves. Outro ponto importante são as possibilidades de trabalho com deficientes visuais, representando importante recurso de acessibilidade.

As visitas do Projeto “Descobrimo Embu no Museu” encerram-se com uma atividade prática, simultaneamente educativa e lúdica. A proposta depende de diversos fatores, como o projeto apresentado pelo professor e a faixa etária dos alunos. No geral, contudo, trabalhamos com jogos adaptados ao acervo (jogo da memória, dominó e detetive) ou com desenhos com temas específicos (o que você mais gostou do museu, o que colocaria em um museu). Com turmas de alunos mais velhos (acima dos 13 anos), costumamos trabalhar as mudanças do local ao longo dos anos. Por meio de desenhos baseados em fotografias antigas do centro histórico, os estudantes devem refletir sobre como interferimos no espaço, e que algumas coisas, mesmo que pareçam congeladas no tempo, são suscetíveis a alterações - como o próprio MASJ.

Não costumamos aplicar aos alunos uma avaliação formal em relação a seus sentimentos ou opiniões sobre a visita ao museu, mas a reação e as falas das crianças durante e após a visita são importantes indicadores do alcance de nosso trabalho. Os comentários costumam ser muito positivos: diversos alunos, por exemplo, relatam gostar do museu; outros, que pretendem retornar com a família - e muitos, de fato, o fazem, indo de encontro com as ideias apontadas por Machado et al. (2016, p. 333), ou seja, tornar-se visitante não pressupõe apenas vir ao museu, é preciso, ainda, voltar a ele.

5 A AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES: O QUE ELES DIZEM

O grande objetivo do projeto Descobrimdo Embu, como já destacamos ao longo deste artigo, sempre consistiu na visita dos estudantes ao museu, momento em que dávamos por completa a ação. Entretanto, com o amadurecimento do projeto e a percepção de que a ação não se encerrava na visita, compreendemos que assim como a preparação era importante, o fechamento da atividade também o era. Desse modo, concluímos que, para alcançarmos nosso objetivo, era fundamental que o antes, o durante e o depois da visita ao museu acontecessem de forma orgânica. Sentimos então a necessidade de, juntamente com os professores, promover um encontro para o encerramento, conclusão e avaliação de todo o processo.

Essa percepção foi crescente ao passo que, durante as visitas dos estudantes ao museu, eram relatadas pelas crianças algumas atividades desenvolvidas pelos docentes em sala de aula. Diversas propostas mostravam-se criativas, e até mesmo inusitadas, mas encerravam-se dentro do contexto escolar, quando poderiam ser compartilhadas com outras pessoas, incluindo o próprio museu. Por este motivo, em 2013 surgiu a ideia da criação do 'Encontro para Avaliação', momento em que os professores deveriam retornar ao MASJ para apresentar o trabalho realizado na escola antes e depois da visita.

Para esse encontro propusemos aos professores que relatassem sua experiência ao desenvolver o projeto naquele ano, e que entregassem ao museu um portfólio, cuja proposta consiste no registro da memória de todas as etapas do projeto, com enfoque no trabalho desenvolvido em sala de aula. Sua produção é simples e direta: o objetivo é incentivá-los a produzir uma memória sobre sua atuação, valorizando assim as práticas desenvolvidas em ambiente escolar. Dessa maneira, os portfólios são compostos por fotografias, depoimentos e produções dos alunos, como desenhos, redações e atividades desenvolvidas em sala, demonstrando o processo de aprendizado.

O encontro de avaliação geralmente acontece ao final de cada semestre, e varia de acordo com a quantidade de professores que participaram naquele ano. Nessas ocasiões, os docentes relatam de que forma se deu todo o percurso, desde a formação até a retomada dos conteúdos em sala de aula após a visita, destacando suas expectativas iniciais e os resultados obtidos. É também nesse encontro que os participantes podem avaliar a atuação do museu durante o processo - e, dessa maneira, o encontro de avaliação representa um importante recurso para refletirmos sobre os sucessos e desafios de nossa ação.

De modo geral, os professores destacam como sua percepção mudou em relação ao município, a um museu cuja tipologia é a arte sacra, assim como à importância de promover junto aos alunos o acesso ao patrimônio, sobretudo o MASJ, presente, em muitos casos e de diversas maneiras, no cotidiano das crianças. Segundo a professora Cristina Carneiro de Paula (2015), a maioria de seus alunos não sabia da existência de um museu no município e, a partir do projeto, começaram a pedir aos familiares para visitar o local. Outra participante, a

docente Juliana Salatiel (2015), também destacou que o projeto contribuiu para a “construção de uma consciência cultural e vivenciar na prática visitas em museus.”

A professora Marta de Souza (2013) destacou que, com o projeto, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o valor do seu município, a história, e como a cidade em si foi constituída. Já a participante Raquel Cristina Costa (2015) notou que seus alunos passaram a prestar mais atenção nas obras de arte que estão espalhadas pelo município, o que antes passava despercebido pelos estudantes em questão.

A professora Ellen Ximendes (2015), por sua vez, relatou que possibilitou aos seus alunos “o reconhecimento e o pertencimento do patrimônio”. A questão do pertencimento trata-se de uma fala recorrente nos depoimentos dos participantes. De acordo com a docente Viviane Cajaíba (2013), o projeto propiciou a “noção de pertencimento da cidade e despertou mais interesse na História de Embu”. E, nas palavras de Bianca M. Henrique (2015), os estudantes “[...] puderam conhecer a história da cidade e conseqüentemente suas histórias.”

Em relação à formação do professor, são comuns os relatos como o de Raquel Cristina Costa (2015), que diz: “iniciei o curso sem nenhum conhecimento em relação ao museu e descobri a importância que ele tem para preservar o passado do município.” Para a docente Heliane Freire (2014), “contribuiu para a formação de um novo olhar, do que é o Museu, no quanto ele tem a nos ensinar e contar” e, em relação aos alunos, “contribuiu para a apropriação da história de Embu, assim como compreender a importância dos museus.” Segundo Wildneia Dias (2013), a formação “ampliou o meu conhecimento sobre a história da minha cidade e a valorização do nosso patrimônio.”

Em depoimento oral, alguns participantes do projeto relataram aspectos interessantes de seu desenvolvimento. A professora Maria Benedita Gomes da Silva (2017), por exemplo, ao trabalhar com alunos de EJA, mencionou que

“Eu acho que eles [os alunos] ficaram mais pertencentes à cidade. Eles acabaram frequentando mais aqui o centro, uma região que eles não tinham esse costume de vir, né? Eles preferiam ficar em São Paulo, onde eles trabalham, e a cidade mais para dormir, mesmo, cidade dormitório, que eles falam. Mas eles agora estão vindo no final de semana, tão trazendo a família... Então eles me contam, eles relatam várias coisas que eles tão conhecendo [...]. Às vezes eles mostram foto, que eles vêm aqui, na parte do teatro... Então eles tão aproveitando outras coisas, outras culturas que eles não tinham contato antes.”

Na mesma ocasião, afirmou também que

“Agora eles se sentem mais embuenses. Eles acham que moram no Embu agora. Eles falam: ‘ah, trago alguém da minha família, se vier alguém de fora eu mando lá pro centro, e eles acham a minha cidade linda. Antes o pessoal falava que aqui era só periferia, que era só ladeira... agora eles acham que eu moro numa cidade bonita’ [...]. Isso enriqueceu muito, assim, pra eles. Eles se sentem mais parte, [...] agora eles vêm no final de semana... Então acho que ficou muito claro isso pra eles.”

Em relação ao público infantil, a professora Joyce da Silva Bezerra (2017) relatou que

“Eles [meus alunos] têm agora uma ligação mais direta com a cidade. Eles conseguem ter até um orgulho de saber que tanta coisa importante aconteceu aqui, que o Embu é uma das primeiras cidades. Então, eles têm esse relacionamento mais íntimo com a cidade – muitos, infelizmente, não conheciam nem a feirinha [...]. Que antes, pra eles, não era algo tão importante, tão relevante, e hoje em dia eles conseguem ter esse pensamento, essa visão, têm o interesse de buscar, de conhecer as festas, de conhecer os espaços, então pra eles [foi] muito enriquecedor.”

Destacamos, por fim, a seguinte fala:

“O que mais me marcou [...], foi o fato que muitos relatavam pra mim: ‘professora, não pensei que era assim, não sabia que tinha’ [...]. O não conhecer deles, [...] e você proporcionar essa vivência do conhecer, do buscar, do diferente, do novo, então isso foi algo que foi bem interessante acompanhar [...]. Proporcionar [...] essa descoberta com eles é algo que você percebe a evolução, vê que eles realmente... que os olhinhos começam a brilhar ao descobrir a própria cidade.”

Julgamos os relatos das professoras Maria Benedita e Joyce Bezerra muito importantes para refletirmos sobre o alcance do projeto. Tanto em relação ao público adulto (EJA) quanto ao infantil, podemos vislumbrar, por meio dessas falas, o importante papel social, cultural e histórico representado pelos museus. Esses depoimentos indicam a efetividade do “Descobrimo Embu no Museu”, alcançando seu objetivo de aproximar os municípios do MASJ, além de fomentar o sentimento de pertencimento à cidade.

Para além disso, a análise desses testemunhos corrobora para a tese de que, em visitas escolares a museus, o ganho afetivo tende a se sobrepor em relação ao cognitivo (FLEXER e BORUM, 1984, apud MARTINS, 2006), construindo assim uma relação de afetividade ao patrimônio visitado, tônica dos relatos, como pode-se observar. Acreditamos que essa experiência agradável no museu, por sua vez, contribui para uma mudança de perspectiva em relação a estes espaços de maneira geral. Segundo Bourdieu (apud PINTO, 2012, p. 89), há uma latente diferença em relação à apropriação dos bens culturais decorrente das formações sócio-econômicas individuais. Assim, ao buscarmos difundir o museu junto aos alunos da rede pública de ensino, contribuimos para a formação deste público no sentido da apropriação dos espaços museológicos.

6 RESULTADOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Após dez anos de trajetória, acreditamos que o Projeto “Descobrimo Embu no Museu” tenha alcançado seu objetivo inicial. Desde 2007, atendemos a 14.024 estudantes em visitas ao museu, e capacitamos 874 professores em nosso Encontro Pedagógico de Formação. Embora seja mais difícil medirmos o impacto da ação entre os estudantes, as falas dos professores, como vimos anteriormente, convergem para uma mudança da perspectiva de seus alunos em relação ao museu, ao centro histórico, e à própria cidade de Embu das Artes.

A maior parte dos atendimentos do projeto corresponde ao público de ensino infantil e do primeiro ciclo do fundamental, o que acreditamos ser importante ao propiciar, já no início da vida das crianças, um primeiro contato com o museu, algo que julgamos relevante para o desenvolvimento de um adulto mais interessado pelas questões da cultura de modo geral. Como revela Leite (2010, p. 91), acredita-se “[...] que as crianças, como têm uma ótima memória dessas experiências, tornar-se-ão adultos que mais facilmente circularão por esses espaços de forma livre e confiante.”

Todos esses frutos, evidentemente, só foram possíveis graças ao trabalho desenvolvido pelos professores nas escolas. Assim, acreditamos que a trajetória do Projeto “Descobrimo Embu no Museu” corrobora para a importância do diálogo entre os educadores de museus e professores, compartilhando estratégias de mediação e projetos pedagógicos. Para a equipe de educadores do MASJ é notável a diferença entre turmas que visitam o museu pelo projeto, com um trabalho prévio desenvolvido em sala de aula, e aquelas que vêm sem uma proposta clara ou definida. Nas visitas do projeto, as crianças apresentam maior interesse e participação, demonstrando efusivos sinais de envolvimento com a mediação dos educadores.

Para além do resultado externo da ação, isto é, seu efeito entre os moradores, o projeto foi responsável por importantes processos de mudança e evolução em relação ao próprio MASJ. Em primeiro lugar, a criação e a consolidação de nosso setor educativo estão intimamente ligadas ao surgimento do Descobrimo Embu. Os primeiros educadores e mediadores do museu foram contratados a partir da crescente demanda para o atendimento das turmas.

Apesar do trabalho constante, da continuidade e evolução da ação, e dos resultados obtidos serem tão significativos, existem desafios que permanecem e que buscamos ultrapassar. Sempre evidenciamos aos professores que, uma vez realizada a formação, o museu estará sempre à disposição para recebê-los com novas turmas. Contudo, há alguns fatores que dificultam o retorno desses profissionais.

O primeiro trata-se do interesse de muitos professores estar condicionado a uma certificação. Apesar de, ao longo destes 10 anos, muitos terem retornado ao museu trazendo novas turmas, sentimos que uma parcela considerável, embora reconheça a importância da ação, não se engaja porque não irá receber um novo certificado, o que é importante para sua evolução profissional. No entanto, temos consciência, é claro, de que os professores vêm às formações aos sábados, em seu tempo livre, que muitas vezes é escasso, visando o desenvolvimento de um projeto voltado à escola e a seus alunos, para além do custo com o deslocamento e alimentação, os sábados letivos, entre outros. Assim, é compreensível que nem sempre seja possível mobilizar a participação desses profissionais todos os anos.

Outro desafio que se coloca aos professores, e que atinge diretamente o projeto, é a incerteza se, após participarem do curso de formação, conseguirão efetivamente levar seus

alunos ao museu. Nossa instituição não possui recursos para o fornecimento de transporte, ficando este sob responsabilidade das escolas. Nos últimos anos, em decorrência dos cortes nas áreas da Cultura e Educação, tem sido cada vez mais difícil as escolas públicas conseguirem viabilizar financeiramente a saída dos alunos. Assim, abundam relatos de professores que participaram da formação, aplicaram-na, em sala de aula, mas que não conseguiram concretizar a visita, frustrando alunos, pais e docentes, que tanto se dedicaram.

Por fim, após 10 anos de Projeto “Descobrimo Embu no Museu”, gostaríamos de destacar a relevância de uma ação contínua a longo prazo. Nesse sentido, faz-se necessário lembrarmos da importância dos trabalhadores da cultura, e dos setores educativos, em particular. Somente com a democratização dos museus e equipamentos culturais a todos os grupos sociais - de crianças a idosos, e de ricos a pobres - poderemos atingir a “valorização da dignidade humana”, a “promoção da cidadania” e o “cumprimento da função social”; de acordo com nossa legislação (BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de jan. de 2009), alguns dos princípios fundamentais dos museus.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gustavo Cunha de. Arte, escola e museu: análise de uma experiência em arte/educação no Museu Universitário de Arte - MUnA. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 44, e174612, 2018. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/s1678463420180144174612>. Acesso: abril/2018.

ATLAS socioambiental de Embu. Marcos Antonio Melo, Maria Isabel Franco (Coord.). Embu: Prefeitura da Estância Turística de Embu, 2008. Disponível em:

<http://www.embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2009/3/atlas.pdf>. Acesso em: 29/09/2017.

BARRETO, Maria de Lourdes Horta. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n.31, p.221-233, 2006.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.2, 2001.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de jan. de 2009**. Institui o estatuto de museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em : 01/12/17.

BRUNO, M. C. O. (Coord.). **O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro**: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010, v.2.

CAJAÍBA, Viviane. **Avaliação final do Projeto “Descobrimo Embu no Museu”**. 27 de abril de 2013.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamis. O público Infantil nos Museus. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n.3. , 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000300911&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19/04/2018.

COSTA, Andréia; NASCIMENTO, Cecília; MAHOMED, Carla; REQUEIJO, Flávia; CAZELLI, Sibe. Pensando a relação museu-escola: o MAST e os professores. In: **VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. CD-ROM do VI ENPEC. Florianópolis: Abrapec, 2007. v.1.

COSTA, Raquel Cristina. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 19 de dezembro de 2015.

DIAS, Wildneia. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 27 de abril de 2013.

EDUCAÇÃO em museus: a mediação em foco. MARANDINO, Martha (Org.). São Paulo, SP: Geenf; FEUSP, 2008.

FREIRE, Heliane. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 26 de abril de 2014.

GRINSPUM, Denise. Educação patrimonial como forma de arte e cidadania. In: **Educação com arte - Ideais 31**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2004.

HEIN, George. Museum education. In: **A companion to museum studies**. Oxford: Blackwell, 2006.

HENRIQUE, Bianca M. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 17 de julho de 2015.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. In: **The educational role of the museum**. Londres: Routledge, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Guia básico de educação patrimonial. IPHAN/MINC. Museu Imperial, 1999.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. In: **Varia História**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 581-597, 2011.

LAWAND, Diógenes Nicolau. **Memória e ensino de história: uma experiência na educação de jovens e adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

LEITE, Maria Isabel. Criança pequena e museu: uma relação possível (e desejada). In: SANTOS, Anderson (Org.). **Diálogos entre arte e público: cadernos de textos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.3, 2010.

MACHADO, Ana Flávia; PAGLIOTO, Bárbara Freitas; CUNHA, Maria Helena. O acesso de alunos de escolas públicas ao circuito liberdade: análise de um projeto piloto. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.32, n.3 jul./set. 2016, p. 317-347.

MARTINS, Luciana Conrado. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MATEUS, Ana; SILVA, Andréia; PEREIRA, Elaine; SOUZA, Josiane; ROCHA, Letícia; OLIVEIRA, Michelle; SOUZA, Simone (Colab.). **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>. Acesso em: 28/11/2017.

PAULA, Cristina Carneiro de. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 19 de dezembro de 2015.

PLANO diretor de Embu. **Leitura comunitária e técnica da cidade**. 1º Semestre de 2002. Prefeitura Municipal da Estância Turística de Embu, 2002. Disponível em http://embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2010/04/LeituraDaCidade_2003.pdf. Acesso em: 29/09/2017.

PINTO, Júlia Rocha. O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. In: **Palíndromo**, n. 7. Florianópolis: UDESC. 2012.

RIBEIRO, Vanessa. **Relatório de Atividades do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**, dez. 2007/out. 2008. Embu das Artes, 2008.

SALATIEL, Juliana. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 19 de dezembro de 2015.

SILVA, Maria Benedita Gomes da. **Entrevista concedida a Angélica Brito Silva e Eron Matheus Bitencourt**. Embu das Artes, 4 de outubro de 2017.

SOUZA, Marta de. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 28 de abril de 2013.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A função educativa de um museu universitário e antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. **Cadernos do CEOM**, Ano 18, nº 21, Junho de 2005. (Museus: pesquisa, acervo, comunicação).

XIMENDES, Ellen. **Avaliação final do Projeto “Descobrimdo Embu no Museu”**. 19 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOSⁱ

Agradecemos a todos os professores que participaram do projeto e compartilharam conosco seus relatos e experiências, bem como a todos os colaboradores do museu, que viabilizaram, direta ou indiretamente, a realização do projeto.

ⁱ **Revisão gramatical do texto sob a responsabilidade de :**
Simone Soares Silva. E-mail: profa.simone86@gmail.com